

JÁDER LOURES DE BRITO

# *Fisgada*



*Fisgada*



## UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

**Valdiney Veloso Gouveia**  
Reitor

**Liana Filgueira Albuquerque**  
Vice-Reitora



**Natanael Antônio dos Santos**  
Diretor Geral da Editora UFPB

**Everton Silva do Nascimento**  
Coordenador do Setor de Administração

**Gregório Ataíde Pereira Vasconcelos**  
Coordenador do Setor de Editoração

### CONSELHO EDITORIAL

**Cristiano das Neves Almeida** (Ciências Exatas e da Natureza)

**José Humberto Vilar da Silva** (Ciências Agrárias)

**Julio Afonso Sá de Pinho Neto** (Ciências Sociais e Aplicadas)

**Márcio André Veras Machado** (Ciências Sociais e Aplicadas)

**Maria de Fátima Alcântara Barros** (Ciências da Saúde)

**Maria Patrícia Lopes Goldfarb** (Ciências Humanas)

**Elaine Cristina Cintra** (Linguística e das Letras)

**Regina Celi Mendes Pereira da Silva** (Linguística e das Letras)

**Ulrich Vasconcelos da Rocha Gomes** (Ciências Biológicas)

**Raphael Abrahão** (Engenharias)

Editora filiada à



JÁDER LOURES DE BRITO

# *Fisgada*

Editora UFPB  
João Pessoa  
2024

**1ª Edição – 2024**

E-book aprovado para publicação através do Edital nº 01/2022 – Editora UFPB.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio.  
A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do código penal.

O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO, SEU TEOR, SUA REVISÃO E SUA NORMALIZAÇÃO  
SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DO(S) AUTOR(ES).

Projeto gráfico · **Editora UFPB**  
Edição eletrônica e design de capa · **Wellington Costa Oliveira**  
Imagem de capa (ilustração digital) · **Freepik.com**

Catálogo na fonte: **Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

---

B862f Brito, Jáder Loures de.  
Fisgada [recurso eletrônico] / Jáder Loures de Brito. – Dados eletrônicos – João Pessoa : Editora UFPB, 2024.

E-book  
Modo de acesso: <http://www.editora.ufpb.br>  
ISBN: 978-65-5942-246-3

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Título.

UFPB/BC

CDU 82-1

---

**OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS À:**



Cidade Universitária, Campus I – Prédio da Editora Universitária, s/n  
João Pessoa – PB CEP 58.051-970  
<http://www.editora.ufpb.br> E-mail: [editora@ufpb.br](mailto:editora@ufpb.br) Fone: (83) 3216.7147

## Prefácio

A fisgada necessária ao pensamento, foragida dos motivos sem razões. A poesia é a forma mais densa e curta de aplainar a vida.

Agradeço as inspirações que se tornaram respirações fortes e profundas.

Dedico essa obra a todos que se interessem em imaginar novos mundos a partir do seu próprio mundo.

## Sumário

Prefácio .....	6
Sumário .....	7
Poesia .....	9
Talvez I.....	10
Talvez II.....	10
Ballet .....	11
Delícia.....	11
Se Foi.....	11
Ainda.....	12
Deserto.....	13
Repentino .....	13
Agora .....	14
Estou Turvo.....	15
Em cinco, quatro, três, dois, um .....	16
Nas Ondas .....	17
Tatuagem .....	18
Estando.....	19
Meros Devaneios .....	20
Tem que ser dito .....	21
Não .....	21
Esteja .....	21
Deboche.....	21
Então.. .....	22

Decepção.....	22
Desespero I.....	23
Desespero II.....	23
Novos.....	24
Janela.....	25
De fora.....	25
10 de Dezembro .....	26
Acabou o dia .....	27
Ame o seu infame.....	28
Descoberta .....	29
O rosto é como uma pétala que invade o fim.....	30
Eu cedo todos os dias, mas não devia.....	31
Inautenticidade .....	32
Essências morais.....	32
À flor da pele.....	33
Por lá.....	34
Persisto .....	34
Mais um olhar.....	35
Alagado .....	36
A-la-gar .....	37
Noite .....	38
Imóvel.....	39
Ato I.....	40
Ato II .....	41
Sertão .....	42

## Poesia

palavras lidas não lidam  
prelúdio

## Talvez I

Por um dia qualquer, de um ano qualquer, por um planeta qualquer, pela vida qualquer e que se quiser, por pensamentos oblíquos e átonos, por sonhos mortos a véspera da ressurreição, por perispíritos desligados

## Talvez II

Talvez  
Meu coração não reflita,  
Minha alma não pulse,  
E não vá viver  
Eu não serei feliz  
Eu nunca pensei nisso,  
Morrerei sem pensar nisso,  
E talvez, sempre ficarei no talvez

## Ballet

Devo ir a procura de luz  
No breu, numa longa avenida  
Fugindo nu ao meio dia  
Acendendo alguns poemas  
Compondo saltos de amor  
Cada passo um compasso

## Delícia

Desvio dizer  
Seriam onomatopeias?

## Se Foi

lugar onde  
inundar onde  
onde eles  
onde foi

## Ainda

Dubiamente

Pontuando palavras

Exercendo verbos e adjetivos

A nos reprimir, a nos deprimir

Ainda ainda ainda

Um problema sério

Um ainda sem advérbio

Ainda sem linguagem

Ainda

## Deserto

Desterro, deserto  
Areada ventania  
Secando e friccionando  
Qualquer objeção

## Repentino

caos na louça  
que não foi lavada  
susto na escada  
que não foi lavada  
poeira no chão  
que não foi lavado  
sangue no lençol  
que não foi lavado  
medo na alma  
que não foi lavada

## Agora

Agora  
Sem demora  
Por todo sexto sentido  
Afora dos compromissos  
Aflora, agora  
O sonho que nunca foi de Aurora  
Mas que agora  
No lixo está fora  
Quem sabe dizer o que foi isso  
É o seu pensamento de agora

## Estou Turvo

Eu estou turvo  
Não há lágrimas que escorram  
Não há sangue que estanque  
Não há

Eu estou no moinho  
Eu estou sendo moído  
Eu estou indo  
Eu estou turvo

Não espere minha cor  
Não espere meu clamor  
Não espere

Um dia eu serei limpo  
Um dia eu serei límpido  
Um dia eu serei

## Em cinco, quatro, três, dois, um

Em cinco breves suspiros  
Caíram pássaros sem asas  
Em quatros palitos  
Ergueu-se o fogo na floresta  
Em três olhares  
Irradiou-se a luz do dia  
Em dois minutos  
Erradicou-se a mata pura e sã  
Em um ignorante  
Empobreceu-se o céu sem nuvem

## Nas Ondas

De ontem vejo  
Os dias passam e não avisam  
Nas ondas do mar a espuma é um baque  
Um atrito, um embate da água, do vento  
Do corpo, do sopro, do momento  
Na sombra do mar, no eixo vazio  
No surdo tambor, num lado com frio  
No seu horizonte, no meu meio fio  
No alto do monte, na planta do anil  
Na queda gigante, no duplo, no trio  
Na onda do mar, na sua questão  
Na última ressaca, na constatação  
Da onda quebrada, do sim e do não

## Tatuagem

Me enfeito na cor grafite  
Em êxito e gritos  
As canções que existem  
Em forma de riscos

Na vez, na veia  
Para somente ter  
Para não mais que seja  
Para sempre se ver

Meu rosto, meu corpo  
Meu refúgio, minha alegria  
Se me entrego ao meu gosto  
A tatuagem faz a magia

## Estando

Sorriu porque quis  
Na tarde que fugia  
Lado a lado a luta  
Na visão cravada e curta  
Entre reflexos e euforias

Estando onde?  
Quiçá saber  
Valeria a perna  
Para andar e andar  
Sem perceber

Na ponte, apontei  
Apontamos todos  
Ao longe, ao que talvez  
Por mais belo que seja  
Só seja por não saber

## Meros Devaneios

Simples sopros  
Altos montes  
Devaneios espertos  
Meros sustos, aplausos  
Olhos cansados  
Dor, confronto  
Singelas insinuações  
Belas excitações  
Cristais sem medo a se quebrar  
Postais no jogo virado  
Meros devaneios no ar

## Tem que ser dito

Aprimora, cresce, engorda, explode. Com os anos a busca por olhares dizem o que tem que ser dito.

## Não

Não pare para pensar no sempre permanecerá para sempre parado

## Esteja

Esteja tão certo do que quer que não pare para pensar se está certo ou não

## Deboche

Apago a luz do seu sorriso  
Saio rindo do que não houve  
E mato-te de dúvidas

## Então...

A criatura mais oblíqua  
É a mais bela átona

## Decepção

Ao crescer das ondas  
Ouviram-se gritos  
Depois falas, murmúrios... E nada mais

## Desespero I

D  
E  
S  
E  
S  
P  
E  
R  
O

tão intenso que escorre pelas paredes

## Desespero II

As pilastras trincaram  
Mas não é um disparo  
Diz, paro  
Diz, espero  
Desespero

## Novos

Novos

Olhos

Nos

Olhos

Nos

Olhos

Nos

Olhos

Nos

Olhos

Novos

## Janela

Uma janela me olha. Ela abre e fecha no ritmo dos motores automobilísticos dos meus vizinhos. Uma janela me olha pelas suas frestas e não permite que eu veja por onde caminham os seus assobios nas frias noites de solidão. Uma janela não me olha, não me fita, não me beija, não me alenta nem me crucifica. Uma janela apenas é uma janela onde, eu ou ela, vemos o mundo!

## De fora

a cena e o terror  
o primórdio assustando o novo  
de fora a fora

## 10 de Dezembro

Sentir em si  
Na mira curva  
Na hora e na estrela  
Nadando em águas turvas

Seguir a aletria?  
Seguir a ironia  
Por onde se esconder  
Já que se mostra desmontando?

O caos do vão  
Que atravessa a rua  
Que cai na sua, na minha, no chão  
E sai como ave que flutua

Talvez o fim atrás do começo  
Quem sabe até palavras que caçam o tropeço  
Talvez rimas que seguem atrapalhadas  
Quem sabe sou eu que não sei de nada

## Acabou o dia

Sob a luz que me traduz em feixes de memórias ditas, jamais profundas num espelho d'água, a prosa converge a aposta que eu crio com o ritmo esguio, imaginando que aquilo que escrevo escoia e faz curvas como um rio.

## Ame o seu infame

Ame o seu infame  
Descasque seu orgulho  
Despe-se de si  
Como a água translúcida

Rasgue o seu infame  
Entenda a sua analogia  
Explicite o que te priva  
Fuja dessa vida

Indigne o seu infame  
Passei na rua  
Sugira a identidade  
Engula a mediocridade

Ame o seu infame  
Saia da chamada  
Desligue o recado  
Escute a parada

## Descoberta

Sou a descoberta  
Sou a clave alta  
Sou a porta entre aberta  
Sou a chave na mão

O cobre que me cobre  
A noite que me vagueia  
A noite que me escolhe  
A amargura que é feia

O triunfo no jogo  
O conforto do amigo  
A cláusula errada  
A incerteza do abrigo

A descoberta acoberta  
O dia que não se acende  
A meta que me arremessa  
Da certeza que me desprende

## O rosto é como uma pétala que invade o fim

Quem sabe o tenro é o meu destino  
Para ter um valor de abraço  
Um sonho no passo  
Um rosto a cada esquina

Às vezes até como uma pétala  
Que se desprende do carinho florido  
Do perfume cálido  
E da beleza de uma flor

O rosto é como uma pétala que invade o fim

## Eu cedo todos os dias, mas não devia

Eu cedo todos os dias, mas não devia  
Nem tão cedo devia acordar  
Nem tão tarde levantar  
Não devia, mas cedo

Eu devia alongar-me todos dos dias  
Eu devia estudar todos os dias  
Eu devia me analisar todos os dias  
Eu devia, mas não cedo

Eu cedo todos os dias, mas não devia  
Eu cedo todos os dias prantos de amores  
ineficazes  
Eu cedo todos os dias aos raios do sol e olhares  
Eu cedo todos os dias á preguiça incessante do  
meu corpo

Eu cedo, mas não devia  
Eu não devia, mas cedo  
Eu não cedo, mas devia  
Eu devia, mas não cedo

Nem tão tarde  
Quanto menos cedo  
Percebo que o tarde ou o cedo  
São mais uma coleção para o meu sebo

## Inautenticidade

O susto é o parente mais próximo da decepção

## Essências morais

Essências essenciais  
Num oásis sem graça

As velhas e turvas chamas dublam a névoa  
A celeste bruma cresce e vai

## À flor da pele

A diferença que traz a vida  
A enlouquecia desprevenida  
Por trás dos olhos  
Uma imensa avenida

Poiesis seu nome  
Expecta o amor  
Transcende a distância  
Entende a ferida, a dor

A criação e o ato criado  
A vida em traços leves  
O mar em altos braços

Eu acho que a gente pertence  
Eu acho que a gente não entende  
Que a gente age pelo coração

## Por lá

Alguma coisa flui  
Intercede no meio  
Se perde no começo para se encontrar no fim  
Até onde soubemos  
Não houve prece, choro ou escândalo  
As vozes emudecem a ponto de emergirem um silêncio  
gritante  
Luzes se apagam para que clareei a alma  
Tempo vai, tempo passa  
E as coisas mudam, crescem, viram dança

## Persisto

Há dias não existo. Hoje, por acaso, senti por todos  
esses dias.

## Mais um olhar

Meu olhar vagueia  
Por breus profundos  
Na busca de outros olhares  
De outros dizeres sobre o mundo

Na tela, na pintura a óleo  
Misturo o que vejo  
Sonho o que posso  
Desejo é o sinal verde ao próximo

Em um dia de muita alegria  
Hei de erguer minha história  
E desnudar minhas fantasias  
Noutros mares que eu próprio, um dia, produziria

## Alagado

Inundou meu caminho  
Eu no absurdo  
Eu sendo o eu, mudo  
Eu, caminho inverso e profundo

Alagado no mais seco chão  
Sendo gota e papel  
Caneta e mão  
Sol, lua e céu

Deflagrada a virtude  
Despida a ilusão  
Sou salvo ao que pôde  
Sou posto a direção

## A-la-gar

Dia noturno  
Alma famigerada  
Desassossego interno  
Como nuvens paradas

Pairo no outro  
O eu que de eus se afunda  
Serão minhas as falhas  
Das plantas sem flores?

Tantas dores, tantos gestos sem fim  
Muitas noites, muitos dias a fio  
Mergulho tarde em qualquer água morna

O outro que no outro se afoga  
A luz que no breu se dilui  
Meu ego que no meu eu transborda

## Noite

Tenha cuidado com tudo  
Mas não tenha medo com nada  
A verdade escondida  
No fundo do mundo  
É a mesma charada  
Quero ver as virtudes  
Com roupas modernas  
E diálogos sinceros  
Não temos tempo a perder  
Com certos apelos incertos

## Imóvel

O limiar da encosta  
De costas a vista  
De frente aos medos  
Ao lado da vida

Desconcerto o eu próprio  
Me mostro no contrário  
Ao que sou melhorado  
Não a mais que um otário

## Ato I

Entre o que foge e o que some  
Não me nutro, não sou súbito  
Sou vários atos de uma fome  
Que desfaz num instante absoluto  
Na janela fico quieto  
Pairando grandes olhos  
Sob tantas vidas andantes  
De lados opostos e por isso interessantes

## Ato II

No vento que me esfria  
Desde os cílios à virilha  
A caminho das frestas sociáveis  
Em torno de sensações inabaláveis

Na porta, do lado da janela  
O óleo seca e um rangido desperta  
A fricção que assusta e devora  
Como o morder de uma abóbora

No mais profundo dialeto  
Que nem se sabe, foi discreto  
Além de si, na própria obtenção  
Além do sim, que foge do não

## Sertão

Em tudo sou dilacerado  
A caminho do furto do passado  
Erro nos passos de calçados furados  
Alago meus pés feito um embriagado

Ser tão profundo, mar aberto  
Sertão difuso, mais um deserto  
Na vida longa que se curva  
Ou na visão que já é turva

Sabendo pouco e querendo mais  
Deixo, aos poucos, o que me satisfaz  
Na bobeira de ser aquilo que jamais  
Se distanciou da própria paz



Este livro foi diagramado  
pela Editora UFPB em 2024.

